

O MERCADO DA NOZ MACADÂMIA E A AGRICULTURA FAMILIAR

MARTIN MUNDO NETO (UFSCAR)

martin@dep.ufscar.br

NATALIA RENATA NOGUEIRA (FATEC)

nati-oi@hotmail.com



A macadâmia é uma frutífera, originária da Austrália, com alto potencial de desenvolvimento de produção no Brasil. Pouco conhecida no mercado interno, porém muito apreciada no exterior, a produção brasileira é destinada quase que 100% para as exportações. Porém há empresas que começam a explorar o mercado interno que apresenta um consumo crescente. Este ramo do agronegócio é apontado como uma alternativa para a agricultura familiar devido a longevidade da produção, ao alto retorno de investimentos, a possibilidade de consórcio com outras culturas e a pequena área demandada, porém existem alguns aspectos que extrapolam a questão econômica e que dificultam a produção da macadâmia para os agricultores familiares. O objetivo desse artigo é analisar o agronegócio da macadâmia a partir das estratégias de mercado de duas empresas com segmentos diferentes: Uma voltada para a exportação e outra que procura explorar o mercado interno, além de descrever a organização social, e as potencialidades e desafios para os agricultores familiares. Para tanto, o artigo parte de uma revisão bibliográfica e é complementado por um estudo empírico. Os dados empíricos foram obtidos junto a representantes da empresa Queen Nut, considerada a maior beneficiadora do Brasil, e também foram coletadas informações junto a representantes da Associação Brasileira de Noz Macadâmia (ABM).

Palavras-chaves: noz macadâmia, silvicultura, estratégias de mercado, organização social, agronegócio

1.0 Introdução

Desde o início da década de 1990, os estudos sobre a agricultura brasileira passaram a dar mais atenção ao papel que a agricultura familiar ocupou no mundo desenvolvido (Veiga (1991); Abramovay (1992); Lamarche (1993)). Segundo Abramovay (1992) nos países desenvolvidos o desenvolvimento da agricultura ocorreu com base em relações sociais de produção familiar, ou seja, o trabalho e a gestão nas unidades de produção agrícola estiveram, fundamentalmente, sob responsabilidade dos membros das famílias proprietárias. No Brasil, historicamente, as políticas governamentais para a agricultura privilegiaram os grandes proprietários, hoje denominados agricultores patronais. Em 1996, a criação do Programa Nacional para o Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) tornou-se um divisor de águas em termos de política para a agricultura e o apoio a agricultura familiar praticamente consenso. Mas a heterogeneidade da agricultura familiar brasileira, seja em termos geográficos, culturais, econômicos, tecnológicos e sociais, impõe o desenvolvimento de estratégias particulares a cada agricultor ou a grupos de agricultores familiares. Neste trabalho procuramos indicar aspectos que envolvem o mercado da macadâmia, uma vez que a produção da macadâmia estaria sendo indicada como uma potencial alternativa para alguns sistemas de produção da agricultura familiar.

De acordo com Bourdieu (2005), nos estudos sobre os mercados, as estratégias dos grupos dominantes e das organizações de interesses coletivos destes grupos, são de fundamental importância para o entendimento da estrutura de um mercado particular. O objetivo desse trabalho é contribuir para o entendimento da dinâmica do mercado da macadâmia no Brasil, a partir da análise dos principais atores que têm contribuído para a construção deste mercado (produtores, empresas, cooperativas, associações). As informações foram coletadas junto às publicações institucionais das organizações analisadas e de órgãos governamentais.

2.0 A cultura da macadâmia

A macadâmia é originária da Austrália e foi introduzida no Brasil em caráter experimental por volta de 1930 na cidade de Limeira, SP. (DIERBERGER & MARINO NETTO, 1958)

Em 1940, o Instituto Agrônomo (IAC) começou a plantar a macadâmia na Seção de Viticultura e Frutas de Clima Temperado e em 1994 iniciou-se no IAC o programa de melhoramento genético da macadâmia de acordo com as especificidades do plantio da cultura no Brasil e principalmente no Estado de São Paulo. (SOBIERAJSKI ET AL, 2006)

Segundo Nogueira (no prelo) a macadâmia é uma cultura que a rentabilidade está diretamente associada com a qualidade, por isso fatores como condições edafoclimáticas favoráveis, cuidados de planejamento e manejo, variedades implantadas, controle de pragas, nutrição das plantas, colheita e pós colheita são pontos muito importantes para o bom desenvolvimento da cultura.

A amêndoa pode ser consumida crua, torrada ou frita, salgada, caramelizada, coberta por chocolate e ainda como cobertura de confeitos e sorvetes; É também utilizada como ingrediente de biscoitos e bolos, base para óleos, cosméticos e produtos farmacêuticos. O uso pela indústria é crescente, visto que pode ser consumida em alimentos processados como na fabricação de bolos, biscoitos, chocolates e sorvetes.

Segundo Sobierajski et al (2006) a expansão mundial da cultura ocorreu principalmente na década de 1990, resultado do interesse dos produtores pela diversificação de culturas em busca de novos mercados promissores.

De acordo com Poltronieri et al (2005) o consumo da macadâmia ainda é pequeno no Brasil, porém apresenta um consumo crescente. A amêndoa é muito valorizada no mercado internacional, assim a produção nacional é basicamente voltada para o mercado externo.

Com um investimento inicial de R\$ 8mil e área mínima de 20 mil metros quadrados, o agronegócio da macadâmia torna-se atrativo para pequenos produtores. Porém o tempo de retorno desde capital inicial é longo, acontece a partir do oitavo ano de cultivo. Ainda sim é compensador, pois o faturamento médio anual por hectare é de R\$ 10 mil (CAT, 2008). A produção em árvores enxertadas inicia-se após quatro anos de instalação do pomar e uma das formas de reduzir os custos da implantação dos pomares e obter um retorno econômico antecipado é utilizar-se do consórcio com outras culturas como o milho, feijão, mamão e maracujá. (SOBIERAJSKI ET AL, 2006). Outro ponto relevante no processo é o aproveitamento dos subprodutos gerados. Os principais são a casca e o carpelo. O carpelo normalmente é triturado e utilizado como adubo orgânico e a casca pode ser utilizada para a geração de energia térmica. (POLTRONIERI ET AL, 2005)

A macadâmia tem bom desenvolvimento em clima tropical e subtropical, isto credencia o Brasil como um dos principais países para a expansão da cultura (SÃO JOSÉ, 1991). Tanto no mercado externo como no interno a macadâmia é uma noz de alto valor.

3.0 O mercado mundial da macadâmia

O dos



ranking países

produtores é dominado pela Austrália, seguida de Estados Unidos e África do Sul. (Figura 1.0). No mercado consumidor (Figura 2.0) os Estados Unidos se destacam como principal mercado seguidos pelo Japão, Europa e China (ASSOCIAÇÃO SUL AFRICANA DE MACADÂMIA, 2008).

Figura 1.0. Divisão da produção mundial de macadâmia (amêndoa), 2008
Elaborado a partir de dados da Associação Sul Africana

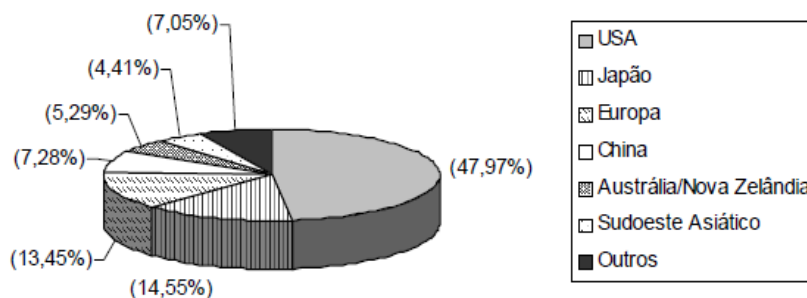


Figura 2.0. Consumo Mundial de Macadâmia, 2003. Fonte: Stephenson (2005)

A maior parte da produção dos principais países produtores é exportada, com exceção dos Estados Unidos, que é o principal consumidor e que recorre ao mercado externo para suprir a sua demanda (SOBIERAJSKI ET AL, 2006 apud STEPHESON, 2005).

Para a comercialização da macadâmia existe uma medida denominada Taxa de Recuperação que representa a porcentagem de amêndoas obtidas após o beneficiamento. A relevância da taxa de recuperação para os produtores relaciona-se com o fato de os preços recebidos “em noz” sejam determinados em função do rendimento em amêndoas, da porcentagem de amêndoas inteiras e de sua qualidade em relação ao teor de óleo e açúcar (SOBIERAJSKI ET AL, 2006).

De acordo com Toledo Piza (2005) o consumo mundial de macadâmia, em 2004, apresenta crescimento de 8% em relação a 2003, e só não foi maior pela impossibilidade dos produtores reagirem rapidamente ao aumento da demanda. Segundo Nogueira (no prelo) a Garoto, pertencente a uma das maiores produtoras de chocolate na América Latina, teria interesse em fabricar um novo sabor para a uma linha de produto (linha Talento), com macadâmias, porém este novo sabor só pode ser oferecido em uma edição limitada, pois a oferta de macadâmia não atendia a grande demanda exigida pela empresa.

4.0 O mercado brasileiro de macadâmia

Segundo dados da Associação Brasileira de Macadâmia (ABM), o Brasil conta com 4 mil hectares de macadâmia que devem produzir 3 mil toneladas de noz em casca este ano. No Estado de São Paulo, a maior região produtora (Figura 3.0), existe 400 mil árvores distribuídas em 1.600 hectares. Ainda segundo a ABM (2010) esse ano acontecerá uma das maiores safras da história da macadâmia no Brasil, isso se deve ao fato de ter tido investimentos no manejo de adubação, no controle de pragas e o clima chuvoso na floração e maturação da noz que ocorre nos meses de julho a setembro. O Brasil, tem se destacado com a produção cada vez mais crescente em relação aos outros países produtores (Figura 4.0)

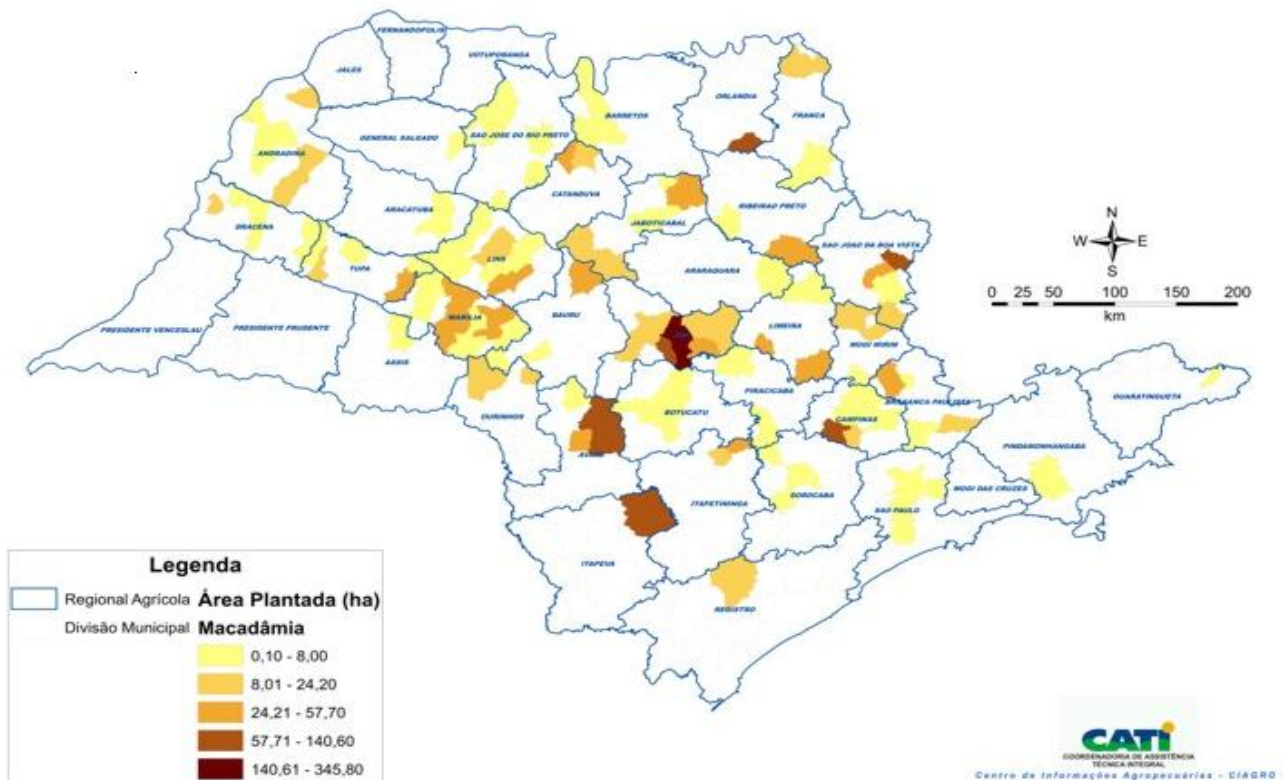


Figura 3.0. Distribuição Geográfica de área cultivada e número de produtores 2007, 2008
 Fonte: Projeto LUPA – CATI

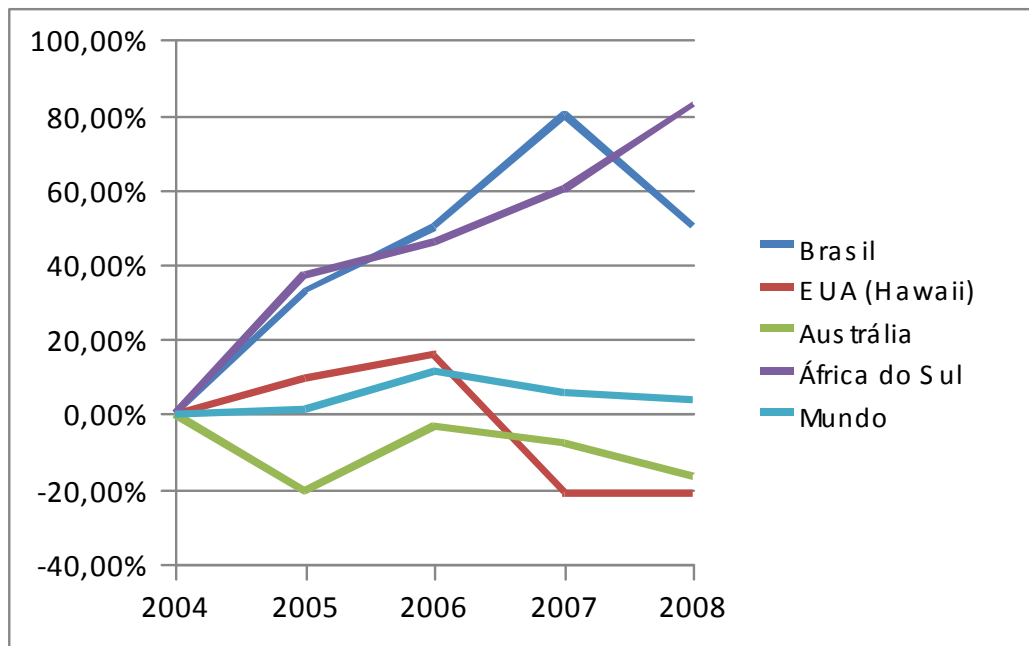


Figura 4.0. Crescimento percentual de produção de macadâmia- elaborado a partir de dados da Associação Sul Africana de Macadâmia.

De acordo com Nogueira (no prelo) as principais regiões produtoras no Brasil são: Estado de São Paulo, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Bahia e sul de Minas Gerais. Segundo Sobierajski et al (2006) as variedades havaianas representam 80% da noz plantada no Brasil, enquanto que as outras 20% são variedades desenvolvidas pelo IAC. Segundo a ABM (2010) o Brasil ocupa a 6ª colocação no ranking de produção mundial, com crescimento de 12% em 2010 em relação ao ano de 2009.

Segundo Nogueira (no prelo), o preço pago ao produtor em 2009 era de US\$ 0,70. Atualmente, segundo Leonardo Moriya, engenheiro agrônomo da maior beneficiadora de macadâmia do país, o preço pago ao produtor está em US\$ 1,00 devido à queda das exportações australianas. Ou seja, o valor pago pela noz para os produtores varia de acordo com valores do mercado mundial de Noz Macadâmia. Ainda segundo Moriya, a rentabilidade este ano está para 1 hectare que produz 5 toneladas render entre 9 e 10 mil reais.

Segundo Sobierajski et al (2006) a evolução das condições da oferta e da demanda, associada às diferentes taxas de recuperação e qualidade da macadâmia, afetaram significativamente a trajetória dos preços recebidos pelos produtores ao longo das décadas. Recentemente, surgiram pequenas processadoras no Brasil, dispostas a atender o mercado interno. Em alguns dos casos, a aparição dessas beneficiadoras deve-se à queda no preço pago ao produtor nos últimos anos. A maioria destas pequenas fábricas, que antes forneciam para as maiores processadoras do Brasil, está no Estado de São Paulo (NOGUEIRA, no prelo).

Segundo Poltronieri et al (2005) a agroindústria processadora desempenha um importante papel na difusão de informação e tecnologia de produção. Em 1989 teve início o projeto agrícola da empresa Queen Nut Macadamia, hoje a maior beneficiadora do país, com o plantio de 1 hectare. Logo depois, em 1990, foi formado o viveiro de mudas e realizado um plantio de 4.000 plantas de variedades havaianas, ainda neste ano organizou-se o primeiro encontro de produtores de macadâmia brasileiros. Na ocasião participaram 300 pessoas, representando 7 Estados, e ao final do evento foi fundada a Associação dos Produtores de

Macadâmia do Estado de São Paulo – APROMESP, tendo como eleito primeiro presidente, José Eduardo M. Camargo, fundador da Queen Nut Macadamia. O foco principal da empresa é a exportação e por isso o produto tem alto controle de qualidade e fiscalização, além disso, há investimentos em infra-estrutura e equipamentos para a adequação de normas internacionais e gerenciamento de informações permitindo a identificação dos lotes exportados e conseqüentemente a rastreabilidade do produto. Porém, a macadâmia exportada muitas vezes não tem valor agregado, como no caso da exportação para a China, onde a macadâmia é exportada com a casca, também conhecida como “nut in shell”. Os principais consumidores da Queen Nut Macadamia são Estados Unidos, Europa e Japão.

Atualmente no Brasil, o agronegócio da macadâmia é voltado quase que 100% para a exportação, porém já existem empresas explorando o mercado interno. Segundo Sobierajski et al (2006), em 2006, a macadâmia de baixa qualidade que não era exportada estava sendo colocada no mercado interno como um produto sem marca, significando um risco para o marketing no mercado nacional. Em 2010 o cenário é outro, as pequenas processadoras estão investindo em estratégias para desenvolver o mercado interno. Em São Sebastião da Gramma, interior de São Paulo, existe uma beneficiadora que atende a todo o Brasil, a empresa comercializa a amêndoa salgada, torrada e até coberta por chocolates pronta para o consumo, ou seja, com valor agregado. Também há investimentos em infra-estrutura como equipamentos para o descascamento e armazenamento. No mercado nacional a macadâmia é encontrada em shopping center, hipermercados e lojas gourmet.

4.1 Os atores e a organização social da produção da macadâmia no Brasil

Em 1990, durante o 1º Encontro dos Produtores de Macadâmia realizado em Dois Córregos, SP, foi fundada a Associação dos Produtores de Noz Macadâmia do Estado de São Paulo (APROMESP). A APROMESP realizou encontros anuais em parcerias com especialistas, órgãos governamentais e universidades. Em janeiro de 2008, a APROMESP foi transformada em Associação Brasileira de Noz Macadâmia (ABM) composta por todos os segmentos envolvidos no agronegócio da noz no país. A ABM possui vários projetos de pesquisa em andamento (ABM, 2009).

Em 1999 foi fundada no Estado do Espírito Santo a Cooperativa Agroindustrial dos Produtores de Noz Macadâmia (COOPMAC). A COOPMAC não adquire macadâmia de terceiros, a sua função é receber, secar, beneficiar, classificar e comercializar o produto. A cooperativa tem como objetivo viabilizar as exportações da noz dos seus associados para o mercado americano e europeu na forma in natura.

Apesar de ser um mercado promissor, não há estatísticas oficiais sobre o histórico da sobre a cultivo da macadâmia no Brasil.

4.2 O perfil do produtor

De acordo com o Levantamento Censitário de Unidades de Produção Agropecuária (PROJETO LUPA, 1996/1997; 2007/2008) e as atualizações da CATI, os dados obtidos revelam que há um alto nível de instrução formal dos produtores de macadâmia. O imóvel rural constituía local de residência em apenas 8% das UPAs (Unidades de Produção Agropecuária) sendo que entre aqueles que não residiam 49,8% possuíam nível universitário (Figura 5.0). Em termos de infra-estrutura, em 23% das UPAs o computador era utilizado como instrumento de gerenciamento nas atividades agropecuárias. Observa-se que a utilização de assistência técnica é um hábito do produtor sendo 79% utilizam assistência técnica privada ou governamental e apenas 21% não utilizam assistência técnica.

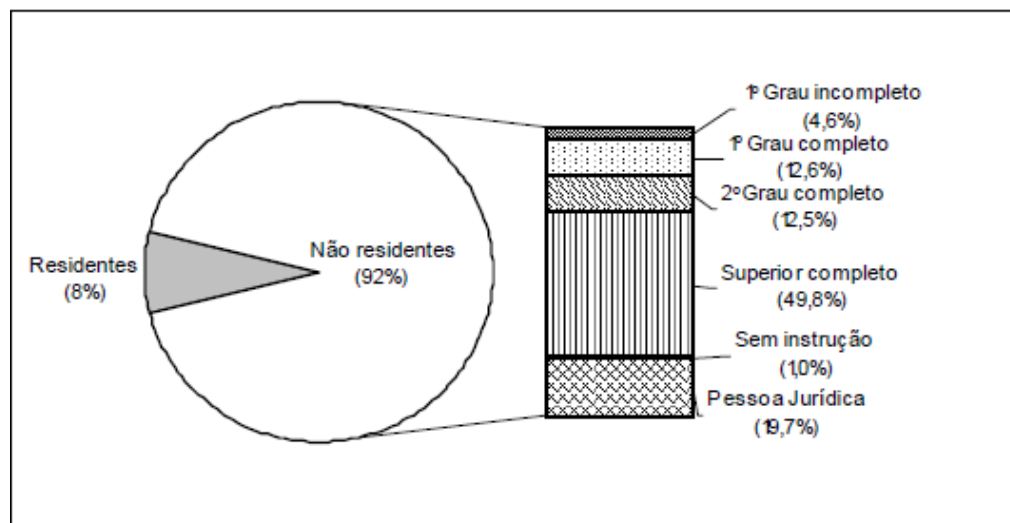


Figura 5.0. Residência na UPA e Nível de Instrução do Proprietário, Produtores de Macadâmia, Estado de São Paulo, 1998-2003. Fonte: Sobierajski et al 2006

Segundo Poltronieri et al (2005) as principais decisões sobre a gestão da propriedade, como as épocas de plantio, a quantidade a ser plantada e os produtos a serem utilizados, são tomadas

pelo proprietário, independente do porte da propriedade. Em nenhum dos casos observados no elo da produção houve um planejamento para escoamento da produção antes do plantio, alguns dos produtores não sabiam nem mesmo para quem iriam vender sua produção no início do empreendimento, pois havia poucas agroindústrias processadoras. Normalmente, a troca de informações ocorre por meio de telefone ou em reuniões promovidas pelas próprias processadoras. Quanto à comercialização, os produtores geralmente vendem a macadâmia em casca diretamente às processadoras, inexistindo a presença de intermediários nessa transação, as razões pelas quais os produtores optam por determinada processadora são: o desconhecimento de mais de um ponto de comercialização e, em outros casos, devido ao bom relacionamento entre produtor e processadora. A comercialização da produção de macadâmia é dominada por poucas grandes beneficiadoras distribuídas no país.

Os produtores de macadâmia possuem capital cultural diferenciado, têm uma profissão de formação que não é necessariamente ligada à agricultura, possuem áreas para plantio, mas procuram diferenciar as atividades, diversificando em relação às culturas dominantes como a cana-de-açúcar, soja, café ou laranja, por exemplo. O agricultor, o Sr. Aleudo Coelho Santana, formado em medicina e proprietário da Fazendinha Belo Horizonte em Jaboticabal, interior de São Paulo (REVISTA COPLANA, 2009), ilustra o perfil do produtor de macadâmia. Trata-se de um produtor (patronal), que diversifica as atividades produtivas, destinando uma pequena parte da área total disponível para a macadâmia, predominando, no restante a cana-de-açúcar. Além de estar entre os pioneiros entre os que exploram a macadâmia, possui uma estratégia diferenciada que engloba tanto o beneficiamento como a comercialização da sua produção. O beneficiamento é terceirizado e a comercialização é, majoritariamente, por meio de marca própria e um portfólio de produtos (atacado e varejo), com foco no mercado interno. Tal sofisticação, em termos de gestão das atividades, pôde ser compreendida após uma visita à Fazendinha. O negócio da macadâmia, iniciado pelo pai, é, atualmente, administrado pela filha, formada em administração de empresas.

5.0 Considerações finais

A macadâmia seria uma opção para parte do universo dos agricultores familiares. Os agricultores familiares localizados próximos as regiões produtoras e com um mercado mais institucionalizado teriam maiores chances de serem bem sucedidos ao adotar esta alternativa em seus sistemas de produção. Em grande medida o incentivo do cultivo da macadâmia entre os agricultores familiares revela os contrastes entre o mundo destes agricultores e o do agronegócio da macadâmia que atualmente é controlado pela agricultura patronal.

A criação da ABM para representar os produtores de todo o Brasil já apresenta muitos benefícios, como por exemplo, o poder de barganha conquistado no mercado internacional. Apesar de ser um mercado crescente, as estatísticas oficiais sobre o histórico da macadâmia no Brasil são inexistentes. Segundo os dados da ABM, atualmente, no universo de produtores de macadâmia, prevalece a agricultura patronal.

Para a agricultura familiar, a macadâmia seria atrativa, pela viabilidade econômica não estar restringida à exploração de grandes áreas para a sua produção; pela possibilidade do plantio consorciado e pela alta remuneração dos investimentos. A macadâmia torna-se atrativa também pela alta produtividade e pela longa vida produtiva. Apesar da alta rentabilidade, o tempo de maturação dos investimentos é longo. Para a maioria dos agricultores familiares, as dificuldades para adotar o cultivo da macadâmia envolvem aspectos que extrapolam a questão econômica, a exemplo da exigência em termos de capital cultural do produtor, da questão da sucessão familiar e da continuidade das atividades agropecuárias. O mercado da macadâmia

exige do agricultor familiar conciliar as atividades de curto prazo com as de longo prazo, ter capacidade de planejar e investir no longo prazo.

Referências

- ABM – Associação Brasileira de Macadâmia, visita ao representante em 26 de Agosto de 2009.
- ABRAMOVAY, R. Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BOURDIEU, P. *O Campo Econômico. Política & Sociedade*, n. 6, 2005, pp. 15-57.
- COORDENADORIA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA INTEGRAL – CATI – Disponível em: <http://www.cati.sp.gov.br/Cati/ produtos/SementesMudas/macadamia.php> e em: <http://www.cati.sp.gov.br/projetolupa/mapaculturas/Macadamia.php>
- COOPMAC – Cooperativa Agroindustrial disponível em: www.coopmac.com
- DIERBERGER, J. E.; MARINO, N. L. - Noz macadâmia: uma nova opção para a fruticultura brasileira – São Paulo: Nobel, 1985.
- EMPRESA QUEEN NUT – visita á empresa em 26 de Agosto de 2009
- LAMARCHE, H. (Coord.) A agricultura familiar. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993.
- NOGUEIRA, N.R - O Potencial e os Desafios do Agronegócio da Macadâmia. Revista Interface Tecnológica, Taquaritinga, SP. (No prelo)
- POLTRONIERI, C. F; LOURENZANI, A. E. B. S; SILVA, A. L. Desafios e Potencialidades do Agronegócio da Macadâmia no Estado de São Paulo. XLIII CONGRESSO DA SOBER, Ribeirão Preto, 2005.
- REPORTAGEM GLOBO RURAL – Disponível em: video.globo.com/Videos/.../0,,GIM1230725-7823-COMECA+A+COLHEITA+DA+NOZ+MACADAMIA+EM+SAO+PAULO,00.html
- REPORTAGEM CAMINHOS DA ROÇA – Disponível em: eptv.globo.com/caminhosdaroca
- REVISTA COPLANA – Macadâmia, da Austrália para o Brasil – Abril de 2009
- SÃO JOSE, A. R. Macadâmia: tecnologia de produção e comercialização. Vitória da Conquista - Ba, DFZ-UESB, 1991.
- SÃO PAULO (ESTADO). Secretaria de Agricultura e Abastecimento. Coordenadoria de Assistência Técnica Integral. Instituto de Economia Agrícola. Levantamento Censitário de Unidades de Produção Agrícola do Estado de São Paulo –LUPA 2007/2008. São Paulo: SAA/ CATI/ IEA, 2008. Disponível em <http://www.cati.sp.gov.br/projetolupa> . Acesso em: 10/04/2010
- STEPHENSON, R. Macadamia: domestication and commercialisation. Chronica Horticulturae, 2005.
- SOBIERAJSKI, G. da R.; FRANCISCO, V. L. F. dos S.; ROCHA, P.; GHILARDI, A. A.; MAIA, M. L. Noz-Macadâmia: produção, mercado e situação no Estado de São Paulo. Informações Econômicas, São Paulo, v.36, n.5, p. 25-36, 2006.
- THE SOUTH AFRICAN MACADAMIAS GROWERS’ ASSOCIATION – SAMAC – Disponível em: www.samac.org.za. Acesso em 10/12/2009
- TOLEDO PIZA, P. Programa: Brazilian macadamia export. São Paulo: Associação Brasileira dos Produtores de Macadâmia, 2005.
- VEIGA, J. E. O Desenvolvimento Agrícola: uma visão histórica. São Paulo: Hucitec, 1991.